

ANÁLISE DE DISCURSOS ESPECIALIZADOS EM MEIO AMBIENTE: COMO O JORNALISMO AMBIENTAL PODE CONTRIBUIR PARA UM NOVO OLHAR

Eloisa Beling Loose¹

Resumo

Este trabalho realiza uma reflexão do papel do Jornalismo Ambiental a partir dos sentidos e das estratégias dos discursos jornalísticos encontrados em quatro revistas brasileiras especializadas em meio ambiente ('Terra da Gente', 'Mãe Terra', 'Sustenta!' e 'Aquecimento Global'), que circulavam durante o ano de 2008. Partindo de uma investigação de como a noção de meio ambiente é construída em revistas focadas para os assuntos ambientais, busca-se verificar as diferentes perspectivas ambientais encontradas nestas revistas e realizar uma análise de como os jornalistas interessados e comprometidos com a questão podem auxiliar no entendimento e na ação do público em prol da sustentabilidade da vida no planeta. Para o estudo dos discursos, optou-se por usar, de forma livre, o referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso Francesa. Além das filiações de sentido, extraídas de Formações Discursivas (FDs) definidas em função da literatura que discute o meio ambiente, foram identificados os sentidos possíveis nos discursos das revistas e as estratégias discursivas que movimentam as intenções dos produtores pensando em seus destinatários. A pesquisa indicou que cada revista constrói um discurso particular sobre meio ambiente, porém a FD Ecosocial é a predominante no corpus, assim como a mobilização de estratégias de aproximação e de estímulo à mudança de hábitos do leitor, características afinadas aos propósitos do Jornalismo Ambiental.

Palavras-chave

Jornalismo Ambiental; discursos jornalísticos; revistas especializadas; meio ambiente; sentido; estratégias discursivas.

Abstract

This article makes a reflection about the Environmental Journalism's role, beginig from the senses and strategies of the journalistic discourses found in four Brazilian magazines specialized in environment ('Terra da Gente', 'Mãe Terra', 'Sustenta!' and 'Aquecimento Global'), which were published during 2008. From an investigation of how the notion of environment is built in magazines which have focus on environmental issues, has been tried to check the different environmental perspectives found in these magazines and analysis of how journalists interested and committed to the issue may help in public's understanding and action for sustainability on the planet. For the study of discourse, was chosen to use, free-form, the theoretical and methodological framework of French Discourse Analysis. In addition to the affiliations of meaning, drawn from Discursive Formations (DFs) defined according to the literature on the environment, identifying the possible meanings of the magazine's names and the discursive strategies that move the producer's intentions thinking about their target. The activities points that each magazine have a particular discourse about the environment, but the DF Ecosocial is predominant in the corpus, as well as the mobilization to approach, and strategies to stimulate the reader's changing of habits, which are purposes of the Environmental Journalism.

Keywords

Environmental Journalism; journalistic discourses; environmental magazines; environment; sense; discursive strategies.

Introdução

Este artigo analisa os sentidos e as estratégias dos discursos das revistas especializadas em meio ambiente a fim de investigar como a noção de meio ambiente é construída. Tendo em vista que o jornalismo constrói discursos - selecionando pautas, enfoques e modos de tornar esse conhecimento social um discurso inteligível -, compreende-se que quatro diferentes publicações ambientais ('Terra da Gente'², 'Mãe Terra'³, 'Sustenta!'⁴ e 'Aquecimento Global'⁵) trazem perspectivas diferentes de uma visão ambiental, ainda que se proponham tratar da mesma temática. A partir desta investigação⁶, busca-se fazer uma reflexão sobre como o Jornalismo Ambiental pode auxiliar no melhor entendimento e, conseqüentemente, em ações qualificadas por parte do público em prol de um planeta mais sustentável.

Para este trabalho foi usado de forma livre o referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso Francesa. Além das filiações de sentido, extraídas de Formações Discursivas (Pêcheux, 1993) definidas em função da literatura especializada que discute o meio ambiente, foram verificados os sentidos possíveis dos discursos das revistas e as estratégias discursivas que movimentam as intenções dos produtores pensando em seus destinatários. Desta maneira, pode-se identificar que há vários discursos sobre um mesmo ambiente, mesmo em revistas que apresentam o mesmo foco de interesse: tratar das questões ambientais ou ainda apresentar como revistas ambientais.

A partir da análise discursiva destas quatro revistas ambientais, revelando quais estratégias e sentidos predominam nos discursos jornalísticos, propõe-se uma reflexão acerca da função do Jornalismo Ambiental, entendido aqui como aquele que vai além do conhecimento sobre meio ambiente, trazendo em si os sentidos de coletividade, qualidade de vida e sustentabilidade da vida no planeta. Concorda-se com a concepção formulada por Víctor Bacchetta (2000), na qual o Jornalismo Ambiental considera os efeitos da atividade humana, da ciência e a tecnologia em particular, sobre o planeta e a humanidade. Assim, é um jornalismo que assume um caráter pró-ativo, consciente da relevância dos modos de dizer para a difusão de temas complexos e a análise de suas implicações políticas, sociais, culturais e éticas.

1. Compreendendo a concepção de Jornalismo Ambiental

Para entender a razão da investigação dos discursos de revistas especializadas, é importante ressaltar que o Jornalismo Ambiental do qual se fala aqui é aquele especializado e, acima de tudo, comprometido com a vida. Não pode ser resumido a todo e qualquer tipo de jornalismo que trate de temas ambientais, mas sim aquele que ao tratar de meio ambiente agrega a visão sistêmica⁷, a necessidade de ouvir o maior número possível de fontes relacionadas ao tema, a profundidade do conteúdo e a cobertura sistemática do assunto. Muitos pesquisadores da área ainda mencionam a perspectiva teórica da Ecologia Profunda (CAPRA, 1996), que considera todas as formas de vida integrantes de uma teia de relações, com sua importância para o todo. Girardi, Pedroso & Baumont (2011, p. 48) lembram que “mesmo fazendo parte dessa rede de organismos vivos, os seres humanos frequentemente comprometem, com suas ações, o equilíbrio dos ecossistemas e a continuidade de sua própria vida”. Dessa forma, o trabalho bem feito dos jornalistas assume vital relevância no sentido de educar e informar as pessoas para o exercício da cidadania. Lembrando que tal comprometimento é semelhante ao assumido pelo jornalismo cívico (que busca o engajamento da imprensa na sociedade, sem prejuízos para emissores nem receptores).

O Jornalismo Ambiental vai além do jornalismo especializado em meio ambiente, trazendo em si os sentidos de coletividade, qualidade de vida e sustentabilidade da vida no planeta. A partir dessa conceituação, percebemos que o meio ambiente e o homem estão articulados e são interdependentes.

Já a expressão meio ambiente possui muitas acepções, de acordo com a proposta, intenção e valores de onde é oriunda. Há diversas definições que se confrontam até mesmo em grupos comuns (como biólogos, geógrafos, gestores, políticos). Assim, nesta pesquisa, toma-se a conceituação de meio ambiente assumida por Wilson Bueno (2007, p. 33), por considerar a amplitude e complexidade no qual a temática está envolvida e pela sua afinidade com as intenções do Jornalismo Ambiental:

Meio ambiente é o complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida em todas as suas formas. Ele não se limita apenas ao chamado meio físico ou biológico (solo, clima, ar, flora, fauna, recursos hídricos, energia, nutrientes, etc.), mas

inclui as interações sociais, a cultura e a expressões/manifestações que garantem a sobrevivência humana (política, economia, etc.).

Tendo em vista o olhar holístico⁸ ao qual se propõe o Jornalista Ambiental e seu entendimento da complexidade que envolve o meio ambiente, é que se pontuam algumas características e ênfases desse jornalismo especializado. Os jornalistas dessa área têm o intuito de conduzir os seus públicos à ação, contribuindo com a diminuição das agressões ambientais e preservando a qualidade de vida. Entende-se que a informação é o primeiro passo para que as pessoas reflitam e ajam a favor da vida. O compromisso com a qualificação da informação ambiental é um dos preceitos dos jornalistas que se envolvem na área e acreditam que o esforço de um trabalho bem apurado pode trazer mudanças no dia a dia das pessoas.

Os jornalistas ambientais devem estar conscientes de que a construção da notícia sobre meio ambiente exige uma dupla responsabilidade, já que, além dos cuidados tidos para revelar o fato de forma plural, objetiva e o mais comprometida possível com a verdade, a informação ambiental afeta de modo certo o presente e o futuro da humanidade. A não fragmentação da realidade deve ser uma regra para os profissionais com consciência de cidadania. O jornalista Roberto Villar Belmonte (2004, p. 29) ressalta esta obrigação do Jornalismo Ambiental:

Os jornalistas devem discutir mais todos os problemas ambientais urbanos do ponto de vista das políticas públicas. Não basta descrever a crise gerando pânico e medo. É preciso continuar a pauta, manter no noticiário o debate, indo além do alarme, ajudando a encontrar saídas.

A participação da população na articulação de políticas públicas que se contraponham aos danos gerados pela globalização só se dará mediante o entendimento de quão valioso é seu papel como cidadão na proteção da sua vida e de todo o planeta. Na classificação das funções do Jornalismo Ambiental proposta por Wilson Bueno (2008), há um destacado espaço para a política, no sentido de mobilização da sociedade. As duas outras, a informativa (preenche a necessidade de o leitor estar em dia com os temas atuais) e a pedagógica (explica os motivos e aponta soluções) são também relevantes, mas só chegarão a promover outras atitudes mediante o sucesso da primeira. O sentido de levar a informação ambiental para um público leigo, não especializado, está

intrincado na expectativa de futuras mudanças de hábitos e valores. Bueno (2008, p. 110) observa que essa função:

[...] incorpora também uma vigilância permanente com respeito à ação dos governantes que, por omissão ou comprometimento com os interesses empresariais ou com grupos privilegiados da sociedade, não elaboram e põem em prática políticas públicas que contribuem efetivamente para reduzir a degradação ambiental.

Diante do exposto, atribui-se um valor ao Jornalismo Ambiental que vai além do informar de forma responsável, visando à formação do que ficou instituído chamar de opinião pública. A preocupação com o planeta extrapola as intenções do jornalismo. O exercício jornalístico realizado com ética e responsabilidade socioambiental possibilita outras concepções a respeito do mundo onde vivemos, gerando transformações no cotidiano e nas condições de vida da sociedade. Mais que ser persistente nas investigações, levar em consideração o cidadão e trazer para o leitor a contextualização de forma clara e compreensível, o que está em jogo no fazer do Jornalista Ambiental são as lentes pelas quais ele vê o mundo. Para tornar possíveis os pressupostos de construir uma informação ambiental qualificada, a forma de enxergar as articulações da imensa e complexa teia social da qual fazemos parte precisa ser holística. Os fragmentos devem ser costurados a fim de tornar visível aos leitores os interesses que estão por trás de cada empreendimento, fenômeno, reunião, ato político, etc.

A ideia cartesiana (baseada no dividir para conhecer) separa as notícias por editoria, por veículo, por público, acaba por afetar a compreensão das conexões entre meio ambiente, economia, publicidade, turismo, educação, e demais áreas de conhecimento. Morin (2002) avalia que, a partir desse quadro, aprendemos a separar, compartimentar, isolar e não relacionar nossos conhecimentos, tornando-nos seres desligados de nosso planeta, do nosso cosmos. O olhar diferenciado que se propõem os jornalistas ambientais é aquele que une, relaciona, desvenda os nós escondidos pelo emaranhado de burocracia e anseios particulares que cercam o que é de interesse público.

O Jornalismo Ambiental opta pela visão holística, contrária à mecanicista – que é o ponto de partida para o reducionismo. A observação isolada, desligada de suas causas e consequências torna os assuntos estereotipados, gerando um senso comum e, às vezes,

até uma banalização dos fatos noticiados. O dever do Jornalista Ambiental é fugir do lugar comum, enxergar as problemáticas cotidianas, levando em conta as implicações para a vida no e do planeta.

O movimento de transformação do olhar está alinhado também à teoria dos sistemas vivos, considerada por Fritjof Capra o arcabouço científico mais adequado para estudar a ecologia. Segundo ele, “embora seja possível distinguir as partes de qualquer sistema vivo, a natureza do todo é sempre diferente da simples soma das partes” (CAPRA, 2003, p. 21). Essa forma de refletir sobre os acontecimentos é denominada de pensamento sistêmico ou, ainda, de pensamento dos sistemas. Sob esse mesmo ponto de vista, a Ecologia Profunda é uma proposta caracterizada pela indagação, pela defesa do direito à vida e por reconhecer a “inteligência do universo”. Para Capra (1996), adepto a este corrente ecológica, todos estão encaixados na Teia da Vida, que é complexa, não-linear e totalmente dependente do outro. O pensamento sistêmico é calcado na premissa de que tudo está interligado, sendo assim um vetor de múltiplas interações.

O jornalismo do qual se fala aqui atua contra a compartimentalização do saber, contra a visão cartesiana que ainda predomina na nossa sociedade. Apesar da evolução do tempo e da ciência, continuamos reproduzindo os modelos ultrapassados que tendem a ver o mundo desconexo, desprovido de vida e afastado de nós. Acredita-se que é preciso conhecer e apreender as informações que endossam esse outro paradigma. Eis o papel crucial dos jornalistas: proporcionar o acesso ao conhecimento para a mudança, exercer um jornalismo que transforme os modos de perceber e agir no mundo. Belmonte (2004) diz que é dever do repórter tecer uma teia de significados dos assuntos tradicionalmente desconectados da colcha de retalhos do noticiário cotidiano para, desse modo, possibilitar a compreensão pública.

2. Visões de Meio Ambiente

Todo e qualquer discurso carrega consigo uma possibilidade de sentidos. O discurso jornalístico, por mais que busque ser objetivo, não é diferente. Em cada reportagem, matéria ou nota, estão intrínsecos determinados sentidos, ali postos em função da ideologia que domina o sujeito produtor do discurso. É válido sublinhar que nenhum

sentido nasce sozinho. Os sentidos também não são imutáveis. Maria Cristina Leandro Ferreira (2001) expõe que:

O sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo, só pode ser constituído em referência às condições de produção de um determinado enunciado, uma vez que muda de acordo com a formação ideológica de quem o (re)produz, bem como de quem o interpreta. O sentido nunca é dado; ele não existe como produto acabado, resultado de uma possível transparência da língua, mas está sempre em curso, é movente e se produz dentro de uma determinação histórico-social, daí a necessidade de se falar em efeitos de sentido.

Assim, os sentidos só tomam forma quando postos em um feixe de relações do qual temos algumas referências. Os discursos ambientais, sendo parte da significação simbólica do cotidiano, também são ancorados em sentidos outros, que podem tender para aspectos biológicos, políticos, culturais, econômicos, etc.

Tratando-se de notícias veiculados na mídia, geralmente, os modos de se falar e/ou apresentar as questões ambientais são dados em razão de suas fontes de informação ou do enfoque da pauta. No caso das revistas especializadas na temática, entretanto, essa perspectiva de como dar sentido ao meio ambiente ganha todas as páginas, em várias notícias e reportagens, e perpassa por várias fontes e enfoques. Mas, para analisar os sentidos que predominam em cada uma das revistas, faz-se necessário primeiro reconhecer os sentidos possíveis dessa expressão.

São muitas as possibilidades de se enxergar o mundo, e cada uma delas é responsável por determinados discursos. Os discursos não nascem sozinhos; eles são oriundos de um momento sócio-histórico e de uma certa ideologia que assujeita o sujeito. De acordo com a Análise do Discurso, os indivíduos são interpelados por ideologias, o que as tornam sujeitos de seus discursos.

Para a realização deste trabalho, levaram-se em consideração os olhares mais difundidos nos estudos sobre ecologia e meio ambiente. Deixa-se claro que existem outras formas de relacionar a questão ambiental que não seja diretamente vinculada com a relação homem-natureza e a forma de apropriação dos bens naturais, mas as escolhas aqui expostas já são fruto da análise preliminar feitas nas revistas do corpus (na qual

verificaram-se os modos de dizer que cada revista escolhia para construir seu discurso). A partir do gesto de interpretação proposto, definiu-se três regiões das quais partiam os sentidos (formações discursivas: FDs), instituídas a partir de uma formação ideológica (FId) dada, a saber:

FD Ecosocial: Um olhar humanista, preocupado com as relações entre homem e natureza, é logo notado. As marcas discursivas que tentam trazer o leitor para o texto e fazê-lo refletir sobre suas atitudes nos leva a ter uma ideia de meio ambiente complexa e integrada com o cotidiano do homem urbano. Esta concepção será denominada de formação discursiva Ecosocial, baseada na formulação de Caporal e Costabeber (2001) e também na caracterização da Ecologia Profunda (CAPRA, 1996). FId que a circunscreve: a de que a Terra é um bem de todos.

FD Ecotecnocrática: O meio ambiente é visto como fonte para o desenvolvimento econômico. Apropriamo-nos da nomenclatura oriunda dos estudos de Caporal e Costabeber (2001) para demarcar a FD que tem por objetivo aumentar o poder econômico das nações, tendo a natureza como principal matéria-prima. Seu argumento em benefício do meio ambiente ressalta a eficiência da tecnologia: os avanços tecnológicos resolverão os problemas decorrentes de nossa opção de vida e das tecnologias adotadas existentes hoje. Sob essa FD, o que é rentável possui mais poder de decisão. FId que a circunscreve: a do crescimento econômico.

FD Naturalista: Está baseada na visão antiga, que considera o meio ambiente especialmente como as relações entre flora e fauna. O homem está à parte do ambiente, considerando-se superior aos demais seres. Este mundo selvagem (florestas, animais não domesticados, pântanos, montanhas) só começou a ser valorizado a partir do início do século XIX, em função, grande parte, do avanço da História Natural (do interesse que os naturalistas tinham por áreas selvagens não transformadas pelo homem). Mais tarde, após a industrialização e o crescimento das cidades, foram os poetas e escritores românticos que restauraram o que restava de "natureza selvagem" na Europa, transformando-o em "lugar da descoberta da alma humana, do imaginário do paraíso perdido, da inocência infantil, do refúgio e da intimidade, da beleza e do sublime" (DIEGUES, 2001, p. 24). Tal compreensão, difundida por um movimento literário, contribuiu para consolidar a ideia de meio ambiente vinculado especialmente à beleza e

ao valor estético, a um espaço de contemplação que conduz o ser humano à meditação das maravilhas da natureza intocada. O enfoque se dá nas curiosidades e modos de vida dos animais e plantas. FId que a circunscreve: a da ‘natureza intocada’.

3. Desconstruindo os discursos de revistas ambientais

Por meio dos dispositivos teórico-metodológicos da AD Francesa, adentra-se nos discursos jornalísticos das revistas ambientais, a fim de verificar quais os sentidos de meio ambiente são mais predominantes e quais são as estratégias mais utilizadas para manter esses discursos. Desconstruir os ditos dessas revistas – das estratégias aos sentidos – demonstra o interesse em conhecer a engrenagem discursiva desse segmento específico e buscar compreender o funcionamento da produção jornalística ambiental. Sabe-se que não há captura dos acontecimentos cotidianos que não passe pelo filtro subjetivo do sujeito. Como os discursos são sempre construções de significados, é importante lembrar que:

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas (CHARAUDEAU, 2006, p. 39).

De forma consciente ou não, todo discurso é permeado por intenções. A comunicação faz parte de uma necessidade humana: a de se relacionar com o outro. A comunicação é a busca pela alteridade, a procura de uma relação com o outro. E as estratégias discursivas possibilitam a apreensão de sentidos e a ordenação de modos de dizer que atuam como captadores do outro. Soma-se a isso o imperativo primeiro do homem de compreender o que está à sua volta.

Para viver, o ser humano precisa dar sentido ao seu entorno. A criação de sentido é uma necessidade iniludível para o ser humano. Em primeiro lugar, não há por que pensar que a criação de sentido é um processo exclusivamente racional; as emoções nos ajudam a dar sentido à realidade. Pode-se então lembrar que não existe razão sem emoção e que não há emoção sem razão. Em segundo lugar, embora não se continuará por este caminho, é preciso reconhecer a existência do que é indizível. Isto é, aquilo que

sentimos, mas ao que não podemos dar-lhe um sentido comunicável e, por isso mesmo, não é facilmente exprimível.

Em razão dessas afirmativas, percorremos as sequências discursivas (SDs), em busca de sentidos e estratégias. A escolha por mostrar apenas poucas SDs por revista é feita devido ao grande número de extrações realizadas na pesquisa e ao espaço limitado para o artigo. As sequências estão assinaladas por uma letra, relativa a cada publicação, e a um número, que orienta a ordem da SD dentro do conjunto das edições analisadas. A revista ‘Terra da Gente’ corresponde à letra ‘a’, ‘Mãe Terra’ à letra ‘b’, ‘Sustenta!’ à letra ‘c’ e ‘Aquecimento Global’ à letra ‘d’. Essa marcação foi feita – de maneira aleatória - para facilitar a identificação das SDs durante a análise.

4.1. Os discursos das reportagens

A reportagem é o espaço do exercício jornalístico no qual espera-se encontrar um texto mais contextualizado, interpretativo, aprofundado e com exposição de causas e consequências. Ela não precisa ter ligação direta com a atualidade (como as notícias), ainda que esteja ancorada nela. Segundo Charaudeau (2006, p. 221), a reportagem “deve adotar um ponto de vista diferenciado e global (princípio de objetivação) e deve propor ao mesmo tempo um questionamento sobre o fenômeno tratado (princípio da inteligibilidade)”, isto é, dedica-se às explicações e questionamentos dos fatos. Além disso, deve agir também conforme o duplo movimento da finalidade da informação, a fim de satisfazer às condições de credibilidade e às de sedução, necessárias para a captação.

Diferente dos editoriais, que possuem um traço argumentativo, as reportagens zelam por um distanciamento do leitor. Seus textos buscam focar-se em estratégias que surtam efeitos meramente informativos (embora, às vezes, os efeitos de sentido sejam outros). Ao invés de aproximar o leitor e explicitar a opinião, as reportagens tendem a buscar efeitos de sentido de objetividade e, ao recorrerem às fontes, sofrem mais deslizamentos de sentidos.

Seguimos para exemplos das análises⁹ realizadas em nesta pesquisa que culminou na dissertação de mestrado ‘Jornalismo Ambiental em Revista: Das Estratégias aos Sentidos’.

'Terra da Gente'

Os sentidos dados pela revista 'Terra da Gente' são os voltados majoritariamente à natureza. O homem, na maioria dos casos, só é mencionado quando há exploração, como agente explorador. Assim sendo, embora a revista possua sequências discursivas que se enquadrem na FD Ecosocial e até na Ecotecnocrática, é a FD Naturalista que recebe maior destaque no discurso de suas reportagens. As SDs seguintes revelam esse olhar sobre o meio ambiente afastado do homem, independentemente de suas ações. Os indígenas são a exceção nesse contexto (eles são os homens integrados ao meio ambiente). Nas reportagens de capa analisadas, o que recebe destaque são os modos de viver de espécies animais, como podemos verificar nos trechos abaixo:

24a – Olhar dócil e semblante calmo, com uma pequena máscara amarela escura contrastando com o topete dourado, reluzente ao sol.

40a – No Brasil, ocorrem 3 espécies conhecidas de cervídeos cujos machos apresentam chifres ramificados, também chamados de galhada. Os chifres podem cair após a estação reprodutiva, crescendo novamente no ano seguinte.

Nesse discurso, a percepção de meio ambiente é construída a partir da Formação Ideológica (FIId) de 'natureza intocada'. Há uma reverência sobre as peculiaridades do viver animal longe dos homens. A flora e a fauna são pautas constantes, e as reportagens debruçam-se sobre particularidades e/ou curiosidades de espécies que tornam o mundo mais belo e gracioso. No entanto, a FD Ecosocial não deixa de permear esse foco naturalista, quando menciona o homem como aquele que se identifica com a proposta da revista e quer auxiliar na conservação:

11a – Nascem os 3 primeiros filhotes brasileiros, fruto de transferência de embriões. Com boa saúde, eles reforçam o 'banco de reservas' do eterno jogo da vida contra a extinção.

17a – O objetivo principal é proteger a reprodução dos tracajás para recompor os estoques naturais e, assim, amenizar o impacto do consumo dos ovos. O projeto inclui ainda um trabalho de resgate cultural através de atividades artesanais em madeira e da construção de um antigo

instrumento musical chamado Gawgaw, uma espécie de caixa de ressonância feita com o casco de tracajá, cujo som varia de acordo com o tamanho do casco.

Sequências filiadas à FD Ecotecnocrática são encontradas em menor proporção e, por isso, não são demonstradas neste trabalho.

‘Mãe Terra ’

As reportagens de ‘Mãe Terra ’- semelhantes às de ‘Terra da Gente’ - possuem discursos atravessados por todas as FDs formuladas para essa análise, entretanto a FD Ecosocial é a que mais aparece. A relação homem-natureza é contínua e o apelo para que mudanças ocorram ou que os leitores se envolvam na causa se repete continuamente:

9b - Como se fosse um ciclo vicioso, à medida que o adensamento populacional crescer, se mantidos os padrões atuais de atividades humanas, a produção de gases de efeito estufa também aumentará, agravando o aquecimento e seus efeitos. Alterações econômicas profundas ocorrerão e doenças como a dengue, a febre-amarela, a cólera e outros males contagiosos poderão se espalhar epidemicamente.

31b – A escassez de água e as poucas opções de sobrevivência forçam milhares de famílias a procurar um novo habitat que geralmente fica dentro ou próximo dos parques nacionais. O conflito entre o homem e os animais é constante.

Nas SDs elencadas acima, destaca-se um discurso explicativo que expõe conexões entre a atividade humana e a sobrevivência de outras espécies. O descaso com os sinais de desgaste da vida no planeta traz consequências que, às vezes, parecem distantes, entretanto, em um sistema vivo e interdependente (como é o lugar onde vivemos), não há como fugir dos resultados causados por tantos impactos. A revista possui fragmentos de texto de incentivo às mudanças individuais, típicas de um jornalismo engajado. Não faz o uso de interrogações nem interpelações diretas com tanta ênfase, mas trabalha com a tentativa de chegar ao leitor e mobilizá-lo:

18b - A grande esperança é de que a pressão social e os processos eleitorais em grandes potências como os Estados Unidos, um dos que mais resistem ao Protocolo de Kyoto, sejam capazes de modificar a visão e o compromisso dos governos sobre a gravidade da situação e a

urgência da adoção de mecanismos para conter o mal do milênio, que pode levar à destruição do mundo.

38b – As tartarugas marinhas, porém, continuam ameaçadas de extinção, o que significa ser fundamental dar continuidade ao programa de conservação, com o apoio de todos e para o bem de todos os envolvidos.

Ao falar da importância da pressão social e da relevância do apoio de todos, traz consigo o sentido de que o leitor faz parte dessa totalidade. O sentido de coletivo embutido nessas SDs deixa registrado que o dever de mudanças também é seu, meu, da sociedade enfim.

As filiações de sentidos também se modificam em função da escolha da pauta. Das quatro revistas observadas, duas capas trazem ilustrações relativas aos problemas socioambientais (intensificação do aquecimento global e falta de água) e outras duas enfatizam a ameaça às belezas naturais (savana africana e tartarugas marinhas). Dessa maneira, as primeiras possuem predominância na FD Ecosocial, enquanto as últimas possuem os sentidos divididos entre esta FD e a Naturalista. Segue, abaixo, SD que revela discursividade ligada à perspectiva naturalista.

28b - Savana africana, um ecossistema ameaçado, que abriga uma das maiores biodiversidades do planeta e cuja fauna é, de longe, a mais espetacular para os olhos.

'Sustenta!'

Observa-se uma predominância de um olhar humanista, preocupado com as relações entre homem e natureza. O foco na sustentabilidade acompanha boa parte das reportagens em análise.

7c - A qualidade de vida da população destes centros urbanos – por tabela, a própria sustentabilidade das metrópoles – está ameaçada por um novo desafio: a falta de mobilidade. Como é possível ser feliz numa cidade na qual se perde uma hora dentro do carro, parado no trânsito, a cada dia? Ou, sendo usuário de ônibus, de duas a três horas estagnado, sem ar condicionado, música, e muitas vezes em pé, espremido como sardinha em lata?

9c - O preço da tarifa, a demora e o desconforto dos ônibus e vagões de metrô e trens metropolitanos precisariam ser superados para atrair

mais usuários, principalmente aqueles que possuem carro, como a química Stella Gonçalves, que prefere ficar dentro do seu carro, parada no congestionamento no fim do dia no centro da cidade, a optar por um meio de transporte coletivo. ‘Eu atravesso distâncias enormes diariamente, não dá para andar de ônibus’.

Essas sequências sinalizam para a visão holística tanto almejada como perseguida pelo Jornalismo Ambiental. O problema da falta de mobilidade não é só visto pelo excesso de automóveis, mas ponderando sobre os outros meios de transporte, a (falta de) qualidade de vida, políticas públicas de habitação, a necessidade do uso dos veículos, o descaso com as condições dos transportes públicos e o planejamento urbano, a sustentabilidade das metrópoles. A partir desse olhar plural, percebe-se que a noção de meio ambiente perpassa toda a matéria por meio das conexões feitas entre natureza e homem. Compreende-se que o enfoque ambiental se dá por meio da problematização plurívoca, do interesse com o bem-estar social e com a sustentabilidade do ambiente nas grandes cidades. Aqui, novamente, o que predomina é a FD Ecosocial.

‘Aquecimento Global’

Esta revista não possui SDs filiadas à FD Naturalista. Talvez em função dos temas abordados, não consegue construir o meio ambiente como algo distante do homem. A FD Ecosocial é a que mais se destaca em todas as reportagens. Na sequência seguinte, essa relação íntima entre homem-natureza pode ser percebida, especialmente, pelas consequências dos danos causados ao meio ambiente que reverberam no cotidiano da população:

8d - Onde há grandes rios correndo pela floresta, o desmatamento tende a acontecer para que sejam erguidas usinas hidrelétricas, como as duas que, recentemente, foram licenciadas pelo Ibama para ser construídas no Rio Madeira. As barragens alagam uma área enorme, fazendo imergir ecossistemas inteiros, ao mesmo tempo que diminuem o volume de água do rio que continua depois dos paredões de concreto. A alteração ambiental provocada nas florestas pelas hidrelétricas, apesar de serem consideradas produtoras de energia ‘limpa’, é grande.

Nessa extração, há uma forma de conexão entre a ação humana e a natureza, apontando os resultados das atividades humanas que não respeitam a Terra como um sistema único, vivo e que reage. Demonstra a delicada teia de conexões existentes entre as

questões que compõem o meio ambiente. O homem é parte dele e, causando interferências, não apenas alterará a vida ao seu redor, como modificará profundamente o espaço no qual vive e do qual depende.

A FD Ecotecnocrática, às vezes, cruza a FD Ecosocial, na medida em que a necessidade de crescimento econômico e a justificativa de se acabar com a miséria irrompem nessas SDs, como é o caso da extração 7d:

7d - Encurralados no paradoxo entre se desenvolver (e acabar com a miséria da população) ou preservar as riquezas naturais, muitos países não conseguem deter o avanço de destruição de suas matas. O Brasil, onde se encontra a maior parte da Floresta Amazônica, é um bom exemplo: ao mesmo tempo que o governo adota um plano de 'desmatamento zero' em sete anos aprova a construção de duas hidrelétricas no Rio Negro.

Nessa SD, o olhar ecotecnocrático é posto como solução para acabar com a miséria da população e, ainda, de forma excludente à preservação das riquezas naturais (ou queremos nosso ambiente protegido ou o fim da miséria). Essa é uma abordagem que só leva em conta os interesses baseados no lucro e que utiliza um aspecto social de forma a mascarar suas intenções mercantilistas. O crescimento econômico (que é sinônimo de desenvolvimento para essa FId) não está relacionado, necessariamente, com a preocupação de condições sociais igualitárias. É ingênuo acreditar que tal colocação é mesmo um paradoxo. A preservação das florestas é uma ação em prol da qualidade de vida e da sustentabilidade deste planeta. A questão brasileira, inserida como exemplo do paradoxo, é uma questão política, mas, acima de tudo, econômica. Contudo, levando em consideração o contexto de onde a SD é extraída (de um discurso filiado à FD Ecosocial), pode-se compreender que os sentidos expostos, ainda que antagônicos, representam uma crítica da revista aos fatos apresentados, permanecendo vinculada à visão ecosocial.

De todas as revistas analisadas, é a que possui mais deslocamentos de sentido para construir uma ideia de meio ambiente como fonte de recursos para o enriquecimento de poucos, mesmo que seja complementada pelos sentidos da FD Ecosocial (que é a FD que predomina os discursos da revista).

4.2 Estratégias discursivas

Todo discurso sempre tem uma intenção: sempre é formulado visando a algum objetivo (convencer, romper, alertar ou conquistar a confiabilidade diante do destinatário). Assim, nas revistas ambientais, também sempre há uma razão ou intento para se falar de meio ambiente, e isso pode ser percebido por meio da desconstrução de seus discursos e dos procedimentos mais recorrentes na produção desses.

As estratégias discursivas são as variações de artifícios marcadas dentro de um tipo ou gênero de discurso. De acordo com Veròn (2004, p. 245), “as referidas variações estratégicas remetem muito diretamente aos fenômenos de concorrência interdiscursiva, próprias do campo da discursividade enquanto mercado de produção de discurso”. Isso significa que as estratégias podem ser verificadas a partir das diferenças de discursos dentro de um mesmo campo que engloba o gênero dos produtos.

No ‘Dicionário de Análise do Discurso’, Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 219) afirmam que as estratégias “dizem respeito ao modo como um sujeito, individual ou coletivo, é levado a escolher, de maneira consciente ou não, determinado número de operações linguageiras (recursos linguísticos e/ou discursivos)”. Essa escolha está relacionada ao imaginário e às representações que o sujeito que mobiliza as estratégias tem de si e do outro, à situação de comunicação e às intenções que tem com o discurso que constrói. A natureza de cada estratégia está vinculada ao objetivo que ela busca provocar no outro (pode ser de legitimidade, de convencimento, de convocação, etc.).

Analisando-se as estratégias discursivas mais recorrentes em cada revista, é possível demarcar como o meio ambiente é discursivamente estruturado e, conseqüentemente, quais são os efeitos de sentido que ali estão costurados. Sublinha-se que toda estratégia discursiva procura determinado sentido. É claro que nem sempre as estratégias pensadas no ato da produção terão a resposta esperada quando alcançarão a instância de recepção, porque o processo de recepção de mensagens é complexo e não há garantias de que o destinatário receberá a estratégia da forma imaginada pelo seu produtor. Há influências de contextos e repertórios, além das possibilidades de fuga e desvio oportunizadas no percurso que existe entre enunciador e enunciatário.

A partir de um rastreamento apurado em todas as revistas escolhidas para esse trabalho, destacamos seis estratégias discursivas que prevalecem no discurso jornalístico sobre meio ambiente. É importante deixar claro que as estratégias aqui reveladas não são exclusivas do discurso jornalístico sobre meio ambiente, podendo ser encontradas, em maior ou menor recorrência, em outros discursos. Foram destacadas estas seis, porque elas se sobressaem pela quantidade com que aparecem nos discursos do corpus e, é claro, pela íntima relação com a perspectiva do Jornalismo Ambiental. Apresentamos cada uma delas e, em seguida, partimos para a análise conjunta das estratégias discursivas mais ativadas nas revistas que compõem o corpus deste trabalho.

Estratégias pró-ativas ou de encorajamento – Produzem efeitos de sentido relacionados à esperança. São detectadas por meio da ênfase das ações positivas em relação ao meio ambiente.

Estratégias alarmistas – Produzem efeitos de sentido de ameaça à vida, de perigo iminente, de medo. São detectadas por palavras que amedrontam o leitor.

Estratégias pedagógicas – Produzem efeitos de sentido relativos ao ensinar, educar, explicar os conceitos. São detectadas sempre que um vocábulo é ‘traduzido’ e exemplificado para o leitor.

Estratégias de reverenciação à natureza – Produzem efeitos de sentido que enaltecem as belezas naturais. São detectados por adjetivação positiva, uso do diminutivo e formas poéticas de se referir ao meio ambiente no qual o homem não tem espaço.

Estratégias de inclusão do leitor – Produzem efeitos de sentido de concordância com aquilo que está sendo dito, como se ele pertencesse à mesma formação ideológica do discurso. Aparece sempre que os verbos são conjugados na 1.^a pessoa do plural ou quando se inserem expressões como “todos nós”, “a gente”, “os consumidores”, “os brasileiros”.

Estratégias de interpelação – Produzem efeitos de sentido de intimação, de chamamento do outro. São detectadas quando interrogações ou evocações (uso do imperativo) são postas no decorrer dos discursos.

A partir desta classificação, detectamos que ‘Terra da Gente’ faz predominante de estratégias de reverenciação à natureza (justamente por reunir uma gama de discursos relacionados à FD Naturalista), além de estratégias de interpelação, encorajamento e inclusão do leitor. ‘Mãe Terra’ coloca em evidência as estratégias discursivas de pedagogização, que geram efeitos de sentido voltados ao ensinar, ao educar, ao explicar. Já ‘Sustenta!’ caracteriza-se pelos questionamentos e interpelações que estão trançados na sua trama discursiva. E ‘Aquecimento Global’ acaba por se diferenciar justamente por não ter apenas uma estratégia discursiva que se sobreponha, carregando nos discursos de suas edições uma mescla de recursos persuasivos que ora amedrontam o leitor, ora o encorajam à mudança.

5. Notas sobre os resultados da investigação

Na pesquisa realizada em produtos caracterizados como especializados em meio ambiente pode-se observar a predominância da FD Ecosocial, que vai ao encontro dos anseios que cercam o Jornalismo Ambiental. Mesmo detectados deslizes nos discursos analisados – que algumas vezes os afastam da concepção ideal do jornalismo de meio ambiente aqui exposto –, é preciso compreender que nenhum discurso é puro. De maneira geral, estas quatro revistas que se propõem a cobrir as questões ambientais assumem em seus discursos certo engajamento com a causa e mostram-se pró-ativas.

Nos discursos das reportagens analisados, os sentidos são mais transpassados e sofrem por mais ressignificações. Contudo, como já foi explicado, a sobreposição, o atravessamento e o confrontamento de sentidos filiados a formações discursivas divergentes são intrínsecos ao processo discursivo e revelam o tensionamento permanente que faz parte da construção dos significados. No corpus, essas disputas acontecem por diversas vezes, demonstrando que a expressão ‘meio ambiente’ está carregada de sentidos conflitantes.

Individualmente, as revistas revelam algumas diferenças que as destacam do conjunto. A partir das análises, quatro perfis foram traçados pensando nas estratégias discursivas mais utilizadas, na predominância da FD e também no sentido decorrente do nome da publicação.

'Terra da Gente' – Com uma linha editorial calcada no preservacionismo, opta por pautas distantes do cotidiano humano e cultua os aspectos peculiares da natureza. Justamente por ter essa proposta, abusa de estratégias discursivas de reverenciação à natureza e possui seus sentidos filiados predominantemente à FD Naturalista. Aposta no discurso das notícias positivas, utilizando, para tanto, muitas estratégias pró-ativas ou de encorajamento. Também movimenta estratégias de inclusão do leitor, a fim de mostrar que cada um pode fazer a diferença. Nesse sentido, é atravessado, muitas vezes, por sentidos da FD Ecosocial, aproximando-se das ideias do Jornalismo Ambiental de engajamento com a causa e pró-atividade.

'Mãe Terra' – Não possui uma linha temática tão definida, apresentando edições mais filiadas à FD Naturalista e outras à FD Ecosocial (de acordo com o assunto eleito para a capa). Seu diferencial está articulado na recorrência (quase excessiva) de estratégias de pedagogização, o que é confirmado na sua proposta editorial. Também faz uso de estratégias de inclusão do leitor e pró-ativas. Nas suas reportagens distribui recursos que despertam o medo, o catastrofismo, trazendo para a sociedade a representação do senso comum a respeito do meio ambiente: ora tragédias ambientais, ora belezas intocadas. Aqui o meio ambiente é percebido como algo desconhecido, que carece ainda de inúmeras explicações. Apesar de às vezes o discurso parecer pouco aprofundado e simplificado, percebe-se tentativas de fazer um discurso que inclua o leitor e o faça repensar sobre suas ações.

'Sustenta!' – Produz reportagens com íntima ligação ao dia a dia das pessoas. É uma publicação que investe na interpelação do público. Os temas são urbanos, e os sentidos que mais se repetem estão filiados à FD Ecosocial, portanto à FId, que busca um planeta mais equilibrado. O foco na sustentabilidade do ambiente e o nome da revista reforçam esse olhar. Em *'Sustenta!'*, o meio ambiente possui uma abordagem holística e plural, sendo a que mais se aproxima da prática ideal proposta pelos estudiosos empenhados na estruturação de uma teoria do Jornalismo Ambiental. A perspectiva é de que o meio ambiente está em tudo (em cada atividade diária) e que depende de cada um de nós auxiliar na manutenção e na melhoria da qualidade de vida do planeta, totalmente alinhada com a concepção de Jornalismo Ambiental aqui apresentada.

'Aquecimento Global' – O nome da revista já desloca o sentido de meio ambiente para os problemas, as tragédias. Contudo, nas reportagens, a publicação revela o discurso mais tensionado por sentidos antagônicos. Há cruzamentos da FD Ecotecnocrática na FD Ecosocial (que é a mais recorrente), assim como utilização de recursos alarmistas. Mas o discurso da revista é bastante heterogêneo e engloba estratégias de pedagogização, de inclusão do leitor e de encorajamento. Não apresenta sentidos e estratégias discursivas vinculadas ao meio ambiente afastado da ação do homem. Para esta publicação, o meio ambiente está relacionado à atividade humana, mas possui múltiplos atravessamentos que dificultam definições mais específicas. Caracterizado por um discurso que busca explicar, nesta revista o que chama atenção do ponto de vista do Jornalismo Ambiental é o interesse em esclarecer o leitor.

Os resultados desta investigação apontam que muitos preceitos do Jornalismo Ambiental já estão em uso nos discursos das revistas especializadas estudadas, porém ainda há muitos atravessamentos de sentidos e construções discursivas que não condizem com o olhar holístico e sistêmico proposto por pesquisadores e jornalistas que acreditam em uma forma de fazer jornalismo que vai além do modelo convencional. Por meio da análise foi possível verificar que, nas revistas escolhidas, o Jornalismo Ambiental já se faz presente, sendo que os discursos rastreados não podem ser vistos apenas como aqueles especializados no assunto meio ambiente.

Pode-se notar que as escolhas feitas pelos jornalistas refletem na maneira como eles próprios compreendem o tema sobre o qual estão construindo seus discursos. E os jornalistas ambientais devem estar atentos porque suas construções ajudam a formar ou reforçar as maneiras de pensar e agir de seus públicos em relação aos problemas ambientais.

É importante que os comunicadores tenham consciência de que o trabalho bem feito e qualificado gera reflexão, discussão e amplia o valor cultural de toda uma sociedade, estimulando sua consciência sócio-política-ambiental – especialmente quando o assunto é complexo e amplo (como quando se fala em meio ambiente) e há uma crise para ser enfrentada. Conhecer estratégias discursivas e entender que há diferentes modos de dizer a mesma coisa – às vezes até mesmo com sentidos antagônicos - pode ser um

primeiro passo para se articular uma mudança na maneira como a sociedade se relaciona com o planeta e, assim, atuar a favor da sustentabilidade da vida.

Referências

BACCHETTA, V. (2000). El periodismo ambiental. In: BACCHETTA, Víctor (org.). *Ciudadanía planetaria: Temas y desafíos del periodismo ambiental*. Uruguay: Federación Internacional de Periodistas Ambientales; Fundación Friedrich Ebert.

BELMONTE, R. (2004). Cidades em Mutação. In: BOAS, Sérgio Vilas (org.). *Formação e informação ambiental – Jornalismo para iniciados e leigos*. São Paulo, SP, Brasil: Summus.

BUENO, W.C. (2007). *Comunicação, jornalismo e meio Ambiente*. São Paulo, SP, Brasil: Mojoara.

BUENO, W.C. (2008). *Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito*. In: GIRARDI, Ilza; SCHWAAB, Reges (org.). *Jornalismo Ambiental – Desafios e reflexões*. Porto Alegre, RS, Brasil: Editora Dom Quixote.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. (2001). *Agroecologia e sustentabilidade: Base conceptual para uma nova extensão rural*. In: Encontro Internacional sobre Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Botucatu, SP. Anais do Encontro Internacional sobre Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Botucatu (SP): UNESP/FCA/DGTA/Instituto Giramundo Mutuando, 2001. p. 1-22. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/desenvolvimentorural/textos/13.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2008.

CAPRA, F. (1996). *A teia da vida*. São Paulo, SP, Brasil: Cultrix.

CAPRA, F. (2003). Alfabetização ecológica: O desafio para a educação no século 21. In: TRIGUEIRO, André (org.). *Meio ambiente no século 21*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Sextante.

DIEGUES, A.C. S. (2001). *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo, SP, Brasil: Hucitec.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (2004). *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo, SP, Brasil: Contexto.

CHARAUDEAU, P. (2006). *Discurso das mídias*. São Paulo, SP, Brasil: Contexto.

FERREIRA, M. C. L. (org.). (2001). *Glossário de termos do discurso*. Porto Alegre, RS, Brasil: Gráfica da UFRGS.

GIRARDI, I.; PEDROSO, R.N.; BAUMONT, C. (2011). Jornalismo e Sustentabilidade: as armadilhas do discurso. In: GIRARDI, Ilza; LOOSE, Eloisa; BAUMONT, Clarissa (org.). *Ecos do Planeta – Estudos sobre Informação e Jornalismo Ambiental*. Porto Alegre, RS, Brasil: Editora da UFRGS.

LOOSE, E. (2007). *Jornalismo Ambiental em Revista: Das Estratégias aos Sentidos*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre- RS, Brasil.

MORIN, E. (2002). *Terra-Pátria*. Porto Alegre, RS, Brasil: Sulina.

PÊCHEUX, M. (1993). *Análise automática do discurso*. In: GADET & HAK (org.). Por uma análise automática do discurso. Campinas, SP, Brasil: Editora da Unicamp.

VERÓN, E. (2004). *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo, RS, Brasil: Editora Unisinos.

¹ Eloisa Beling Loose é mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutoranda em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), no Brasil. Jornalista e pesquisadora envolvida com comunicação ambiental, com ênfase nos discursos jornalísticos. Organizadora do livro *Ecos do Planeta*, juntamente com Clarissa Baumont e Ilza Girardi. E-mail: eloisa.loose@gmail.com.

² Informações da assessoria da ‘Terra da Gente’ afirmam que ela foi a primeira publicação impressa brasileira exclusivamente focada nos temas biodiversidade e meio ambiente. As revistas de 2008 correspondem às edições de n.º 45 a n.º 56. ‘Terra da Gente’ é caracterizada como uma publicação de conservação ambiental e tem como base a agenda positiva, ou seja, busca mostrar preferencialmente as opções de conservação e as iniciativas positivas no sentido de promover mudanças de hábitos que reduzam impactos ambientais ou contribuam para a conservação ambiental. Possui alto padrão gráfico e editorial, e tiragem, na época da pesquisa, de 25 mil exemplares, distribuídos em todo o País. Nas bancas, cada edição custava R\$ 10,00 em 2008.

³ Revista da Editora Minuano de periodicidade bimestral. Foram publicadas quatro edições no ano de 2008 e cada uma delas custava R\$ 7,90. A revista deixou de circular em 2009 alegando existir muitas barreiras financeiras.

⁴ Revista que se dedica ao tema ambiental, com destaque para a sustentabilidade. Surgiu no mês de outubro de 2008, com periodicidade mensal e possuía tiragem inicial de 50 mil exemplares, com preço de capa de R\$ 8,90. Após o mês de dezembro, houve uma reformulação estrutural, e a circulação parou por mais de dois meses. Em meados de março de 2009, foi publicada a quarta edição, junto com uma carta do editor executivo, Caio Maia, explicando que “o ambiente econômico nos obriga, pelo menos por hora, a reavaliar a periodicidade e a ter a ‘Sustenta!’ bimestral, pelo menos até o segundo semestre”. Em novembro de 2009, seus assinantes foram comunicados de que a revista ‘Sustenta!’ teve, em outubro, sua última edição impressa, passando a publicar conteúdos a partir de então no site www.sustentanet.com.br.

⁵ A revista, da Editora On Line, teve uma primeira edição em junho de 2007 e outra em dezembro desse mesmo ano. Porém, no ano seguinte, teve sua periodicidade menos espaçada, produzindo novas revistas a cada dois meses. No corpus deste trabalho concentrei seis edições, de janeiro a novembro. O valor da revista nas bancas, em 2008, era de R\$ 9,90 o exemplar.

⁶ A pesquisa que embasa este artigo foi realizada durante o mestrado em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, nos anos de 2009 e 2010.

⁷ O pensamento sistêmico, segundo Capra (2003), percebe tudo de maneira interligada. A perspectiva fragmentada e isolada na qual um fato independe do outro não existe conforme a visão sistêmica.

⁸ A perspectiva holística defende que um sistema não pode ser explicado apenas pela soma dos seus componentes, sendo contrarário ao pensamento cartesiano – que divide as partes para tentar compreendê-lo.

⁹ Como não teria condições de analisar todas as reportagens do corpus em função do escasso tempo, utilizei como critério o fato de elas serem destaques de capas. Assim, os discursos analisados correspondem às reportagens com mais destaque na capa.

R
y
P